



AS RELAÇÕES AFETIVAS NO PROCESSO ENSINO- APRENDIZAGEM

Resumo

A afetividade está presente nos diversos grupos de relações humanas e inclusive na área escolar. No contexto educacional, pode ajudar ou prejudicar os resultados esperados dependendo dos vínculos estabelecidos. No caso da relação professor/aluno as relações afetivas podem influenciar no processo de aprendizagem e na preferência dos alunos por alguma área do conhecimento. Assim o presente trabalho tem por objetivo fazer reflexões sobre a importância das relações afetivas no contexto ensino-aprendizagem. Para tanto, considerou-se também o papel do professor como um dos principais pontos. Foi possível perceber durante a pesquisa bibliográfica feita que os teóricos apontam a real necessidade das relações afetivas no ambiente escolar. São essas relações as quais podem determinar o sucesso do educando na escola e, principalmente, em sua vida futura como cidadão que agirá na sociedade para transformá-la. Nesse contexto, é preciso, pois, observar as contribuições para o desenvolvimento intelectual e emocional, e a compreensão dos educadores de que os alunos necessitam de um ambiente acolhedor e humanizado.

Palavras-chave: Afetividade. Processo de Ensino. Aprendizagem.

RELACIONES AFECTIVAS EN EL PROCESO DE ENSEÑANZA- APRENDIZAJE

Resumen

El afecto está presente en diferentes grupos de relaciones humanas e incluso en el área escolar. En el contexto educativo, puede ayudar u obstaculizar los resultados esperados dependiendo de los enlaces establecidos. En el caso de la relación profesor / alumno, las relaciones afectivas pueden influir en el proceso de aprendizaje y la preferencia de los alumnos por alguna área de conocimiento. Así, el presente trabajo tiene como objetivo hacer reflexiones sobre la importancia de las relaciones afectivas en el contexto de enseñanza-aprendizaje. Con este fin, el papel del profesor también se consideró como uno de los puntos principales. Fue posible notar durante la investigación bibliográfica realizada que los teóricos señalan la necesidad real de relaciones afectivas en el ambiente escolar. Son estas relaciones las que pueden determinar el éxito del estudiante en la escuela y, principalmente, en su vida futura como ciudadano que actuará en la sociedad para transformarlo. En este contexto, por lo tanto, es necesario observar las contribuciones al desarrollo intelectual y emocional, y la comprensión de los educadores de que los estudiantes necesitan un ambiente acogedor y humanizado.

Palabras-clave: Afectividad. Proceso de enseñanza. Aprendizaje.

AFFECTIVE RELATIONSHIPS IN THE TEACHING-LEARNING PROCESS

Abstract

Affection is present in different groups of human relations and even in the school area. In the educational context, it can help or hinder the expected results depending on the links



established. In the case of the teacher / student relationship, affective relationships can influence the learning process and students' preference for some area of knowledge. Thus, the present work aims to make reflections on the importance of affective relationships in the teaching-learning context. To this end, the role of the teacher was also considered as one of the main points. It was possible to notice during the bibliographic research done that the theorists point out the real need for affective relationships in the school environment. It is these relationships that can determine the success of the student at school and, mainly, in his future life as a citizen who will act in society to transform it. In this context, it is therefore necessary to observe the contributions to intellectual and emotional development, and the educators' understanding that students need a welcoming and humanized environment.

Keywords: Affectivity. Teaching Process. Learning.

INTRODUÇÃO

As relações a que estamos expostos no cotidiano são movidas por sentimentos, aspectos afetivos que dão o norte para a formação da personalidade do indivíduo, respaldando a construção de significados nas experiências sociais entre os pares. Nesse contexto, vale ressaltar que a conjuntura cognição-afetividade explica muitas práticas pedagógicas transmissoras de atitudes inconscientes responsáveis pelo fracasso escolar.

Por isso, há necessidades em buscar novos caminhos que podem levar ao conhecimento norteador de transformações cotidianas. Algo que se faz necessário em todas as dimensões do processo ensino-aprendizagem, porque uma das questões fundamentais do aprender é o vínculo afetivo que deve ser construído entre o aluno e o professor, objetivando uma aprendizagem significativa.

Por esse motivo, o artigo em questão propõe reflexões sobre as relações afetivas que envolvem o ensino e a aprendizagem. É fato que todos os quais compõem o cenário educacional buscam respostas para as inquietações responsáveis por diversas pesquisas a respeito do fracasso na aprendizagem dos alunos da Educação Básica, tais como: o que desperta o prazer por aprender e de que maneira as pessoas aprendem? O que passa na mente de educandos e quais são seus interesses? O que fazer para motivá-los a aprender? Afinal quem são esses alunos?

Nesse bojo, é preciso reconhecer que toda relação perpassa pela afetividade. Sendo assim, é importante considerar que com a relação professor/aluno, por exemplo, não pode ser diferente. O fato é que em meio às inquietações, não existem fórmulas preparadas para solucionar a problemática. Dessa forma, esse artigo faz reflexões sobre as relações afetivas no contexto pedagógico, quanto ao papel do professor e a relação afetividade aprendizagem. As reflexões levam em conta que é necessário sempre buscar meios para que os desafios existentes no cotidiano escolar sejam superados em prol do desenvolvimento dos educandos, evitando o fracasso que é sinalizado pelo baixo rendimento.

REFERENCIAL TEÓRICO

Ao se falar das relações afetivas no contexto do ensino-aprendizagem, é preciso ter o entendimento de que os sentimentos que organizam o interior de nossas reações transformam nossas emoções, quando reagimos de determinada forma. Para Ferreira (1999), é dessa maneira que o comportamento de cada pessoa é organizado. Deduz-se, então, que



os laços afetivos e o conhecimento são conceitos essenciais os quais não se separam no processo ensino aprendizagem.

Nesse sentido, a afetividade tem importante destaque na aprendizagem, porque sem a mesma não há interesse nem motivação. A afetividade é uma das condições necessárias da constituição da inteligência. De acordo com Piaget *Apud* Seber, (1997), a afetividade é o que impulsiona as condutas. Nenhum aluno se esforçará para resolver questões propostas em sala de aula, por exemplo, se não se interessar em absoluto pelo componente curricular. Isso acontece porque os aspectos afetivos e os cognitivos estão relacionados de forma mútua. Eles influenciam as ações das pessoas em todos os momentos e com os alunos, no ambiente escolar, não é diferente.

É no ambiente educacional que o indivíduo encontra diferentes valores, concepções, culturas e, principalmente, relações sociais. O espaço escolar é muito amplo, transformando a convivência entre docente e discente e demais envolvidos em uma rica experiência, complexa por natureza, voltada para o conhecimento entre os pares. É nesse rico campo heterogêneo que está a escola a qual vai de encontro com as questões pedagógicas, voltadas para um padrão social, em que muitas atitudes acabam sendo excludentes.

Vale lembrar que a exclusão em um sentido mais amplo é fator que impede o desenvolvimento da aprendizagem e não é diferente quando esta acontece no campo afetivo. Wallon *apud* Galvão (1995) pontua:

No cotidiano escolar são comuns as situações de conflito envolvendo professor e alunos. Turbulência e agitação motora, dispersão, crises emocionais desentendimentos entre alunos e professor. São alguns exemplos de dinâmicas geradoras de conflitos, que com frequência deixam a todos desamparados e sem saber o que fazer. Irritação, raiva, desespero e medo são manifestações que costumam acompanhar as crises, funcionando como “termômetro” do conflito (WALLON *apud* GALVÃO, 1995, p. 104).

Assim, é imprescindível que o docente esteja bem preparado, com equilíbrio adequado para enfrentar as situações adversas do cotidiano para que não perca a afetividade em relação ao seu aluno porque a relação eu - outro em variadas vezes é bastante conflituosa. E ainda, na falta de manejo para lidar com as situações adversas corriqueiras do dia a dia, de superá-las, o docente pode estar diante de um problema, de um desafio em seu trabalho. O período em que a pessoa está inserida na educação básica é a idade na qual nada parece bom. Essa concepção vai exigir do professor que ele seja político, social e pedagogo ao mesmo tempo. Implica em um desafio em questões políticas, econômicas sociais e pedagógicas. Freire (1996) salienta:

O desrespeito à educação, aos educandos, aos educadores e educadoras, corrói ou deteriora em nós, de um lado a sensibilidade ou a abertura do bem querer que da prática educativa, de outro, a alegria necessária ao fazer docente. É digna de nota a capacidade que tem a experiência pedagógica para despertar, estimular e desenvolver em nós o gosto de querer bem o gosto de alegria sem a qual a prática educativa perde ao sentido (p. 142).

Cabe ao professor e todos envolvidos no contexto de aprendizagem mudar a realidade que tanto incomoda, pois gera resultados negativos os quais retiram dos sujeitos a capacidade de empoderamento. É por isso que, no meio escolar, professores e os demais do corpo pedagógico vivem discutindo e procurando alternativas frente à realidade que anseia



por medidas eficientes para resolver a questão de como conviver com as emoções de maneira harmônica relacionada ao aprendizado no meio social. É mister que lidar com o outro em sociedade não é tarefa fácil, no entanto, quando o fato está relacionado à aprendizagem é preciso valorizar o ser, no caso o aluno, professor e todo o corpo pedagógico antes de qualquer coisa, pois o carinho natural é imprescindível.

O PAPEL DO PROFESSOR

As condições vigentes que compõem o atual contexto de ensino priorizam a educação como fator social, mediado por elementos culturais, levando profissionais da educação para novas práticas pedagógicas. A prioridade passou a ser como ensinar determinado conteúdo e não mais a quantidade. Aqui vale ressaltar o que La Taille (1992) diz sobre a afetividade que é entendida em sua visão como uma espécie de “energia” que dá motivação ao ser humano para realizar práticas eficientes. Diz também que a relação pautada no ato de cooperar um com o outro gera conhecimento, pois existe um fator que motiva o estudante a procurar a resposta das situações-problema. Este fator motivacional pode ser entendido como afetividade.

Nesse bojo, a afetividade no atual contexto educacional torna-se cada vez mais necessária entre educandos e seus respectivos professores, uma vez que existe presença contínua nos processos ligados à cognição. Os laços afetivos tornam-se fundamentais porque as relações entre sujeitos (aluno) e o objeto de conhecimento (os conteúdos programáticos) são evidentes ao construir o conhecimento, a aprendizagem. É importante que o aluno esteja preparado para receber o que é transmitido pelo docente.

Woolfolk (2000) entende que,

Os professores são a melhor fonte de ajuda para os alunos que enfrentam problemas emocionais ou interpessoais. Quando os alunos têm uma vida familiar caótica e imprevisível, eles precisam de uma estrutura firme e atenta na escola. Eles precisam de professores que estabeleçam limites claros, sejam consistentes, apliquem as regras firme, mas não punitivamente, respeitem os alunos e mostrem uma preocupação genuína com o seu bem-estar. Como professor, você pode estar disponível para conversar sobre problemas pessoais sem exigir que seus alunos o façam (p.47).

Portanto, a aprendizagem é processo, por assim ser, exige dinâmica e, sobretudo, afetividade. O mesmo acontece a partir de uma ação do sujeito sobre o objeto, todavia, sempre mediada por meios escolares. Mediar é condição fundamental para o processo de construção do conhecimento eficaz pelo aluno. Desse modo, ao se sentir respeitada, acolhida, querida, a pessoa envolvida nesse meio pautado por motivos intrínsecos, desenvolverá aprendizagem (RODRIGUES, 1976).

Aqui o ato de motivar dentro do conceito escolar depende da intenção que o indivíduo tem para aprender e, do conceito sobre si, o professor e o ensino. Algo que depende muito das relações afetivas que envolvem o aluno e o professor. O autor sinaliza ainda:

As situações de ensino agradáveis suscitam no aluno um desejo de repetir e renovar a aprendizagem. Quando, por infelicidade, o contrário acontece, o aluno tende a rejeitar não só a disciplina que não consegue aprender, mas também tudo quanto a ela se refira, inclusive o mestre e até a própria



escola. Se a situação de aprendizagem é gratificante e agradável, o aprendiz tende a se dinamizar, a extrapolar-se para situações novas e similares e, por fim, a inspirar novas aprendizagens (RODRIGUES, 1976, p.179).

Nesse contexto, ao ser exercido o trabalho em sala de aula, é preciso que se desenvolva o conhecimento através do diálogo, do lúdico e, principalmente, considerando as relações afetivas entre o ambiente escolar, familiar e social. Nesse ponto, a afetividade torna-se fundamental no ato de ensinar e aprender, porque a aprendizagem pode e deve ser movida pela paixão sem descartar os princípios pedagógicos.

Rousseau (1994) lembra que,

O aluno deve, sobretudo, ser amado, e que meios tem um governante de se fazer amar por uma criança a quem ele nunca tem a propor senão ocupações contrárias ao seu gosto, se não tiver, por outro, poder para conceder-lhe esporadicamente pequenos agrados que quase nada custam em despesas ou perda de tempo [...] (p. 23-24).

Nessas circunstâncias, o sucesso na aprendizagem deve ser medido pelo grau com que o professor consegue ser aceito pela turma, respeitado e estimado por seus alunos. O objetivo da educação de um adolescente propõe a formação do coração, do juízo e do espírito também.

A RELAÇÃO APRENDIZAGEM X AFETIVIDADE

No dia a dia escolar, professor lida com o estudante, explica, transmite informações, faz questionamentos, corrige, leva o estudante a demonstrar até que este consiga interligar, comportando-se de forma independente, dando solução, quando possível, para os problemas envolvendo os conceitos científicos, a racionalidade e, principalmente, a afetividade.

Partindo do pressuposto acima, não é possível o docente pautar seu trabalho apenas objetivando planejamento escolar que muitas vezes é feito considerando somente conteúdos. Isso não é mais possível, pois a relação professor-aluno será vazia de comunicação, de respeito ao pensamento do outro e do envolvimento afetivo. Nesse sentido, Restrepo (2001), diz sobre o fazer escolar que:

[...] se mostra resistente a aceitar que a cognição é cruzada pela paixão, por tensões heterônomas, a tal ponto que são as emoções e não as cadeias argumentativas que atuam como provocadoras ou estabilizadoras das redes sinópticas, impondo-lhes fechamentos prematuros ou mantendo uma plasticidade resistente à sedimentação (p. 33).

Nessa relação que prioriza a qualidade em prol da quantidade, o conteúdo não deixa de existir, porque não é possível se aprender desvinculando-se do conhecimento teórico. Entretanto, docente precisa ter domínio desse conhecimento. Apenas é necessário trabalhar o conteúdo de forma diferente, dando-lhe significado, é o que se chama de ensino contextualizado no contexto atual, exigente que requer cada vez mais um olhar para as emoções dos pares em qualquer situação.

É preciso considerar o anseio idealizador da igualdade e da divisão de deveres entre no que diz respeito à aprendizagem, entretanto, o que se vê no contexto escolar são erros cometidos por todos. É preciso que o sentido de afetividade seja efetivo, valorizando cada



gesto ou ação dos educandos, buscando firmar a sua autoafirmação no desenvolvimento do saber. Chalita (2001) afirma também que:

[...] a visão conteudista ou reducionista, que tem como foco apenas o desenvolvimento da habilidade cognitiva. Trata-se de ampliar a responsabilidade da educação para as habilidades sociais e psicológicas, priorizando a afetividade, o equilíbrio, a convivência plural. O ensaio não pode ser verticalizado e resolver-se com o objetivo de aprová-los ou conferir-lhes diplomas (p. 128).

Vale ressaltar, assim, que nessa relação aprendizagem e afetividade, o profissional que lida direto com os educandos é cada vez mais solicitado a motivar seus alunos para a aprendizagem e para o conhecimento adequado para as atuais exigências da sociedade. Os conhecimentos, portanto, só valem se forem capazes de resolver problemas, se forem úteis, se tiverem sido transformados em conhecimento, de fato, para quem aprende.

Ainda sobre o exposto, o docente deve atuar como facilitador em sala de aula, pois é um local que muito se constrói identidade de indivíduos. Algo necessário para o professor, porque é ele que vai mediar o contexto escolar que visa à aprendizagem efetiva. Só o docente pode tornar esse meio cada vez mais farto, cheio de estímulos para o educando. É papel da escola, portanto, oferecer e disponibilizar individualmente o melhor para o educando, não somente em relação a conteúdo e formação intelectual, porém de formação individual e de personalidade, de relações humanas e solidárias em seu contexto (ROSSINI, 2001).

Freire (2010) afirma:

Educar é uma tarefa que requer de quem com ela se compromete um gosto especial de querer bem não só aos outros, mas ao próprio processo que ela implica. É impossível ensinar sem essa coragem de querer bem [...], sem a capacidade forjada, inventada bem cuidada de amar (p. 12).

Dessa forma, os discentes precisam se sentir úteis, olhados, respeitados para que desenvolvam o emocional de forma saudável. O educando precisa ter referências positivas no contexto educacional. É necessário saber direcionar e respeitar as maneiras do indivíduo se expressar, objetivando o seu bem-estar emocional. Um direcionamento errado, nesse meio diverso, pode acarretar resultados que o indivíduo pode levar para o resto da vida em suas relações e papéis sociais.

Ainda é válido destacar que ao respeitar esse aluno diverso, o primeiro resultado é de troca afetiva, uma vez que muitos comportamentos que fogem daquilo que deve ser aceito em sala de aula, são oriundos de situações que não incluem o afeto. A maioria de nossos alunos vem de meios os quais não conhecem essa troca chamada afetividade.

Assim sendo, o carinho e a competência em saber trabalhar com a vida afetiva dos educandos são pontos chaves para o trabalho com todos no contexto escolar. Ferreira (2007) diz que a afetividade é estimulada por meio da vivência, em que o educador estabelece um vínculo de afeto com o discente. Os educandos necessitam de estabilidade emocional para vivenciar a aprendizagem.

O afeto, então, pode ser uma maneira eficaz de se chegar perto do sujeito, pois é um caminho que estimula e enriquece, atingindo uma totalidade no processo de aprender. O educador precisa abrir espaços no qual o diálogo seja o principal meio de interação entre os pares. É preciso que o educando perceba a presença do outro em cada componente inserido no convívio diário (BEANE, 1997).



É fundamental que o educador esteja preparado para ajudar o estudante, a perceber suas necessidades e priorizá-las, bem como atendê-las de forma adequada. Corroborando com essa reflexão, ensinar no atual contexto, é antes de tudo dar atenção ao estudante como pessoa que está em um contínuo crescimento e desenvolvimento. Muitas vezes, um simples gesto do professor pode passar a representar muito na vida de um aluno. Pode trazer a confiança que ajudará a superar suas fragilidades, seus medos, enfim, um gesto bem intencionado pode contribuir como força formadora para facilitar a socialização e o aprendizado.

Freire (1996) pontua,

Nenhuma formação docente verdadeira pode fazer-se alheada, de um lado, do exercício da criticidade que implica a promoção da curiosidade ingênua à curiosidade epistemológica, e do outro, sem o reconhecimento do valor das emoções, da sensibilidade, da efetividade, da intuição ou adivinhação. Conhecer não é, de fato, com adivinhar, com intuir (p. 51).

Partindo desse princípio, compreende-se que o professor deve trabalhar, objetivando compreender o valor dos sentimentos, das emoções, do medo que deve ser superado por seus alunos. Deve conhecer seus educandos. Freire (1996) destaca também que respeitar o educando e sua diversidade exige do educador “humildade” e “tolerância”. Assim, é preciso que o docente respeite a curiosidade de seus alunos, estimulando-os a revelar seus conhecimentos e que saibam conviver, desenvolvendo, portanto, a indispensável amorosidade.

É fato, portanto, que no tocante à influência da afetividade, ao se considerar a aprendizagem verdadeira, pode-se perceber que o docente desempenha um papel de grande relevância no processo de aprendizagem, uma vez que a escola deve promover um espaço no qual os estudantes possam se expressar e dialogar com seus pares de maneira a construir conhecimento e desenvolver aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se falar da questão da afetividade como uma das molas propulsoras da aprendizagem, conclui-se que a mesma não tem sido algo frequente na relação professor-aluno no decorrer dos tempos. Muitos docentes priorizam os conteúdos esquecendo-se de que a maioria dos educandos presentes em sala de aula são seres em busca não só de conhecimento, mas também querem afeto. Este influenciará no que foi transmitido pelo professor.

São sujeitos que anseiam carinho, atenção, diálogo. Fatores geradores de empoderamento para educandos que muitas vezes vivem em contextos de violência diversa. A ausência desses fatores torna-se responsável pela baixa aprendizagem. Situação que precisa ser tratada com critérios mais detalhados, quando se considera a relação existente entre professores e alunos no processo ensino-aprendizagem. Cabe aos envolvidos diretamente no meio educacional uma prática constante de ações geradoras de um convívio prazeroso. É dessa forma que a escola irá cumprir o seu papel de ampliar a aprendizagem no cotidiano do aluno.

Diante do exposto no decorrer deste trabalho, percebe-se que a afetividade está presente em todas as principais decisões de ensino assumidas pelo professor, constituindo-se como fator preponderante das relações que se estabelecem entre os alunos e os conteúdos



escolares. É preciso que o educador conheça seus alunos, valorizando as relações que se dão no âmbito da sala de aula, sensibilizando-se com os anseios e interesses dos mesmos, e valendo-se deles, buscar soluções para que as aulas se tornem mais significativas, interessantes e motivadoras. Algo que certamente contribuirá para que haja um clima prazeroso em sala de aula em relação à aprendizagem.

De acordo com a pesquisa bibliográfica, a afetividade e a emoção são fundamentais para o desenvolvimento do indivíduo. No espaço escolar, o indivíduo precisa se sentir seguro, acolhido possibilitando a ele ocupar espaços no meio no qual está inserido. O contexto escolar é, pois, um espaço em que os alunos têm a chance de desenvolver o aprendizado, não deixando de lado o social e o emocional. O ambiente escolar passa ser um lugar privilegiado para aprendizagem e os educadores devem estar qualificados para poderem atender e proporcionar para os seus alunos momentos gratificantes para o seu desenvolvimento por completo.

Assim, a relação professor-aluno no processo ensino-aprendizagem deve priorizar respeito e cumplicidade, para isso, é preciso que existam comunicação e diálogo com o aluno, pois quanto mais houver essa comunicação melhor será a relação. O docente, no entanto, também não deve esquecer-se de impor limites e saber corrigir, no momento certo e da forma certa.

Ainda é viável afirmar que as relações de mediação feitas pelo professor, durante as práticas pedagógicas, devem ser sempre permeadas por sentimentos de acolhimento, simpatia, respeito e apreciação, além de compreensão, aceitação e valorização do outro. Esses sentimentos não só marcam a relação do aluno com o objeto de conhecimento, como também afetam a sua autoimagem, favorecendo a autonomia e fortalecendo a confiança em suas capacidades e decisões.

Por isso, é importante uma relação afetiva e prazerosa entre todos envolvidos no contexto educacional para que possa existir um desenvolvimento desejado no processo de ensino e de aprendizagem por parte do estudante, proporcionando um ambiente de aconchego, socialização e conhecimento para o educando, levando a ele mais aprendizado e para o professor mais tranquilidade na sua prática pedagógica, deixando de lado os conflitos que impedem a aprendizagem adequada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHALITA, Gabriel. *Educação: a solução está no afeto*. 5ª ed. São Paulo: Gente, 2001.

FERREIRA, A. B. H. *Novo Aurélio XXI: o dicionário da Língua Portuguesa*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da libertação*. Unesp, 2001.

GALVÃO, I. *Henri Wallon – uma concepção dialética do desenvolvimento infantil*. Petrópolis: Vozes, 1995.

LA TAILLE, Y. H. *Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo, ed. 15, Summus, 1992.



RESTREPO, Luis Carlos. *O direito à ternura*. Tradução de Lúcia M. Endlich Orth. 3ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2001.

RODRIGUES, Marlene. *Psicologia educacional: uma crônica do desenvolvimento humano*. São Paulo: Mc Graw-Hill do Brasil, 1976. 305p.

ROSSINI, M. A. S. *Pedagogia afetiva*. Petrópolis: Vozes, 2001.

ROUSSEAU, Jean Jacques. *Projeto para a educação do Senhor de Sainte-Marie*. Edição bilíngüe. Paraula, 1994.

SEBER, Maria da Glória. *Piaget: O diálogo com a criança e o desenvolvimento do raciocínio*. Col. Pensamento e Ação no Magistério. São Paulo: Scipione, 1977.

WOOLFOLK, Anita E. *Psicologia da Educação*. 7ª ed. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

Submetido em julho de 2019

Aprovado em outubro de 2020

Informações do(a)s autor(a)(es)

Lígia Renata Ferreira Cardoso e Costa. Doutoranda em Ciências da Educação pela Universidade Interamericana. Mestra em Ciência da Educação pela Universidade Interamericana. PY. Lic. Letras Vernáculas pela Universidade Estadual de Feira de Santana -Bahia (UEFS). Especialização em Estudos Linguísticos e Literários pela Universidade Estadual da Bahia (UEBA).

Afiliação institucional E-mail: Professora Efetiva da Rede Estadual da Bahia. ligiarenata60@gmail.com.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4523-0366>.